

**Relações entre Festas Populares e Educação Popular: contexto da Festa no
Milagre de São Roque em Amélia Rodrigues – Bahia**

*Relationship between Popular festivals and Popular Education: Context of the Party in
the Miracle Of San Roque in Amélia Rodrigues - Bahia*

Reginalva dos Santos Bruno

Rede Estadual de Educação – Bahia

Amélia Rodrigues

Marco Antonio Leandro Barzano

Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Feira de Santana – Bahia- Brasil

Resumo

O artigo apresenta o resultado de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo foi analisar as relações entre as Festas Populares e a Educação Popular, tendo como contexto a Festa no Milagre de São Roque no Município de Amélia Rodrigues – Bahia. Buscamos compreender a educação na sua relação com a cultura popular, a tradição oral e a ancestralidade, como forma de resistência à pressão dos processos de escolarização de base eurocêntrica, indicando, assim, uma maneira de educar por meio da transmissão de saberes e conhecimentos entre gerações, o que também nos leva a resistir aos movimentos históricos de dominação. A partir da base teórica da Educação Popular, levantamos pressupostos para qualificar o debate sobre a possibilidade de trabalho com as Festas Populares para promoção e valorização dos saberes do cotidiano, da experiência e da sabedoria popular.

Palavras-chave: São Roque; Festas Populares; Educação Popular.

Abstract

The article presents the result of a master's research whose objective was to analyze the relations between the Popular Festivals and Popular Education, having as context the Festival in the Miracle of São Roque in the Municipality of Amelia Rodrigues - Bahia. We seek to understand education in its relationship with popular culture, with oral tradition and ancestry as a form of resistance to pressure from Eurocentric-based schooling processes, thus indicating a way of educating through the transmission of knowledge and knowledge between generations, while this also leads us to resist the historical movements of domination. Based on the theoretical basis of Popular Education, we raised as presuppositions to qualify the debate about its possibility of working with the Popular Festivals to promote and value the knowledge of everyday life, experience and folk wisdom.

Keywords: São Roque. Popular festivals. Folk wisdom.

Introdução: contextualizando o tema

O presente artigo apresenta reflexões tecidas na pesquisa desenvolvida no mestrado em Educação e tem como objetivo analisar as relações entre as Festas Populares e a Educação Popular, tendo como contexto a Festa no Milagre de São Roque no Município de Amélia Rodrigues – Bahia. Nessa perspectiva, elegemos a referida festividade por ser uma representante da junção de práticas culturais étnico-raciais e de religiosidades afro-brasileiras, caracterizando o trabalho com a cultura popular.

Nesse sentido, buscamos compreender a educação na sua relação com a cultura popular, a tradição oral e a ancestralidade, como forma de resistência à pressão dos processos de escolarização de base eurocêntrica, indicando, assim, uma maneira de educar a caminho da resistência e por meio da transmissão de saberes e conhecimentos entre gerações, o que também nos leva a resistir aos movimentos históricos de dominação.

Assim, as especificidades da Cultura Popular presentes nas Festas Populares, como espaços educativos, circulam no presente artigo e fazem referência à opção pelo aporte da Educação Popular, pois essa seria, entre outras compreensões de sua dimensão:

[...] o conjunto de práticas através das quais, em qualquer situação, no interior de sua própria cultura e através de suas redes e regras, as pessoas das classes populares vivem experiências endógenas de produções e transferência de seu próprio saber (BRANDÃO, 1986, p. 148).

Dessa forma, como afirma Pessoa (2013), podemos abrir um novo universo de práticas e campos de análise, com o uso de experiências próprias, endógenas e cotidianas, que consideram a ampliação do que vem a ser a Educação Popular e nos proporcionam, portanto, novos olhares para o alargamento da compreensão sobre o tema, a partir dos saberes produzidos e transmitidos no interior dos próprios grupos populares, passando pelo desenvolvimento de práticas sociais. Com isso, incluímos as manifestações culturais, e especificamente as Festas Populares, como possibilidades de trabalho na perspectiva da Educação Popular.

A problemática aqui apresentada refere-se à análise de quais relações se estabelecem entre as Festas Populares e a Educação Popular. Dessa forma, evidenciamos a viabilidade de trabalhar com as questões relacionadas às práticas educativas que ocorrem na Festa no Milagre de São Roque no Município de Amélia Rodrigues, contribuindo, assim, para revelar importantes dimensões dos saberes afrorreligiosos brasileiros, utilizando

como pressuposto teórico a Educação Popular, entendida enquanto libertação e estímulo às potencialidades do povo e valorização de suas práticas experienciais e cotidianas, considerando-as eixo central de práticas educativas.

A pesquisa foi de caráter qualitativo, e os sujeitos selecionados para serem entrevistados, no total de dez pessoas, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Todos os sujeitos participam ativamente das festividades no Milagre de São Roque, identificados como: o representante da comunidade; o representante religioso de matriz africana; o representante do catolicismo; o diretor; um professor da escola da comunidade; um aluno da escola comunitária onde ocorrem as festividades; um professor da sede do município; uma moradora da cidade; uma pessoa com histórico de devoção por promessa; e um participante da festa de outra localidade que visita com regularidade a festa em estudo.

Os sujeitos supracitados foram selecionados pelo fato de considerarmos que são pessoas que expressam, nas suas diversas vivências, uma participação mais ativa e relacionável com a festa e a comunidade em seu entorno. Para o escopo do presente artigo, apresentamos o depoimento de dois dos sujeitos com nomes próprios e autorizados: a participante da festa, a Jussara Cordeiro e a devota Leonice Porto.

O texto encontra-se estruturado em três partes: (a) na primeira, apresentaremos algumas concepções sobre Festas Populares; (b) em seguida, discorreremos a respeito dos aspectos relacionados às informações sobre as origens e contexto da Festa no Milagre de São Roque e, por último, (c) teceremos uma análise das relações entre as Festas Populares e a Educação Popular.

Apresentando algumas concepções sobre as festas populares

As Festas Populares têm sido um tema explorado nas Ciências Humanas e Sociais ao longo do tempo. Na área da Educação, essa temática aparece no cenário das pesquisas ainda de forma incipiente, e, de maneira geral, os sentidos, significados e desdobramentos das festas são muito pouco investigados, principalmente em relação à possibilidade de constituir-se enquanto práticas educativas, conforme pôde ser evidenciado.

Nesse sentido, temos, por exemplo, um levantamento que realizamos a partir dos trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho – GT 06 de Educação Popular da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), entre os anos de 2011 e 2017, no qual,

dos 72 trabalhos apresentados no formato de comunicação oral, nenhum abordava as festas populares, o que nos mostra a relevância e originalidade do estudo que apresentamos no presente artigo.

As festas populares, sobretudo as de caráter religioso, como a que apresentamos neste texto, são repletas de signos, sentidos, significados e alegorias, tendo como vetor central um mito de origem, um elemento de adoração e/ou admiração que dá sentido e destaque à festa. Assim ocorre com a manifestação religiosa denominada de “Festa no Milagre de São Roque”, que possui traços geralmente semelhantes a outras manifestações presentes no território baiano e brasileiro, o qual se destaca por suas particularidades e simbologias próprias.

Por esse ângulo, consideramos que as Festas Populares devem ser estudadas, pois são atos coletivos que demonstram a força e a participação de uma coletividade, como é apresentado abaixo:

As festas religiosas, procissões e romarias são as práticas mais sensacionais da religião popular. Esses eventos merecem ser estudados pelo seu caráter aglutinador de pessoas, centrado no santo padroeiro, no costume local, na tradição religiosa herdado do colonizador. (ROSENDAHL, 1999, p. 42).

Entretanto olhar para todas as festas como sendo repetições de uma mesma manifestação ancestral não ajudaria na compreensão das suas articulações com o imaginário dos sujeitos que delas participam, mas apenas obstruiria a possibilidade de nos aproximarmos de sua multiplicidade de signos, símbolos e significados, e das diversas articulações que podemos fazer entre sagrado e profano, enquanto característica da pluralidade do trabalho com a cultura.

Cada uma das festas do grande repertório das manifestações culturais brasileiras tem suas origens, sendo que o tempo de existência e as características e especificidades da sociedade local dão a cada uma delas aspectos singulares. Assim, o estudo das memórias ou das narrações relativas à construção das festas enquanto fenômeno religioso e de suas tradições possibilita um contato inicial com os símbolos presentes nessas manifestações, agregando informações e oferecendo uma base de conhecimentos e meios educativos, como é o caso da festa em tela.

No caso das festas populares e religiosas, principalmente as do Nordeste, a particularidade está em se apresentarem como ocasião e espaço para que o ser humano possa transcender-se, sair do difícil cotidiano, visto que a festa reflete a imagem ou

trajetória de uma vida distinta daquela que realmente é, conforme nos destaca Amaral (1998), sendo, portanto, um momento em que o ser humano se liberta e vive o imaginário sem o constrangimento das hierarquias econômicas e sociais.

Nessa perspectiva, as festas populares, presentes desde os momentos mais remotos da civilização, têm, no ato de festejar, a inerente condição de humanidade. Desse modo, a festa estaria associada, primeiramente, aos ritos de saudação à divindade, assim como aos momentos da colheita ou mesmo às cerimônias fúnebres. Nessa condição, ela então dominará diferentes dimensões da vida, marcando nascimentos, casamentos e outros ritos de passagem e permeará a sociedade como um todo, independente de classe social ou de condição econômica.

Desse modo, a festa envolverá não apenas seus promotores, mas também famílias, clãs, empresas, comunidades, entre outros, como momentos de estar com o outro, receber parentes, amigos, etc. Nesses termos, quando falamos em festa, associamos esse falar à cultura, pois o momento e contexto de sua realização se configuram como expressão simbólica para o grupo social envolvido. Como um ato contínuo, as festas têm importância fundamental para a compreensão da estruturação da sociedade, pois expressam, ainda, o inconsciente coletivo e a identidade de um grupo.

Portanto, as Festas Populares, como expressão da cultura de um povo que festeja, demonstram a intensidade dos sentidos e significados representativos dos grupos humanos que as vivenciam, concretizando seus clamores, desejos, saberes e fazeres passados de geração a geração. Essa é a grande possibilidade que elas nos oferecem, pois se constituem como uma renovação das bases teóricas, das metodologias e perspectivas temáticas, apresentando-se como um rico e amplo campo de estudos para a área educacional, principalmente se realizada na associação com a Educação Popular.

Aspectos relacionados às origens e contexto da festa no Milagre de São Roque

Para iniciarmos a apresentação das origens da Festa no Milagre de São Roque, salientamos que essa é uma festividade muito interessante e pouco conhecida no círculo de festas religiosas do estado baiano, mesmo tendo a centralidade no santo São Roque, que é muito reverenciado na capital, Salvador, e em outras cidades do interior da Bahia, do Brasil e do mundo.

Quanto à descrição da referida festa, ela é uma tradição que reúne elementos do catolicismo e da cultura popular de origem portuguesa, muito encontrada em outras regiões do país, mas que assimila características próprias do entorno social onde ocorre, enquanto área de economia colonial, por conta da matriz de cultura africana do candomblé, entre outras práticas que caracterizam a forte religiosidade do cenário brasileiro, a começar pela complexidade na caracterização do culto a São Roque, que, por ora, chega a ser confundido com São Lázaro, e que, na matriz africana, é simultaneamente representado pelos orixás Obaluaiê e Omolu.

Com relação à localização espacial, a festa no Milagre de São Roque é realizada em uma comunidade que fica na localidade denominada de “Fazenda Ipiranga”, área que engloba a usina chamada de Itapetingui, na sede do município de Amélia Rodrigues, onde acontecem as demonstrações de religiosidade individual e coletiva de moradores do município e de várias localidades próximas à região ou mesmo as distantes, devido à fé que muitos têm nesse santo de devoção, tanto a partir da religião católica quanto do candomblé, caracterizando-se, portanto, como uma festa sincrética.

A origem do Milagre se encontra envolta em várias lendas e demonstrações do imaginário e das representações da memória das pessoas do lugar. Diversas situações míticas explicativas são colocadas para o surgimento do milagre, fundamentado pelo ideal de religiosidade e de misticismo próprios da região, como as várias visualizações feitas por moradores em relação ao santo São Roque no local do Milagre e as muitas graças de curas obtidas no local, com o poder de suas águas, minerais e folhas, como podemos observar nesse depoimento apresentado por uma das participantes da festa:

O Milagre de São Roque é uma tradição muito antiga do nosso município. E minha vó, ela sempre contava, relatava os acontecimentos, esses acontecimentos, essas festas populares que tínhamos aqui, como o Milagre de São Roque, que acontece no mês de agosto. A Festa de São Roque era assim, era como se uma história. Na verdade, a gente, quando criança, ouvia muito essas histórias de que havia um lugar aqui em Amélia Rodrigues, onde apareceu um homem, um homem cheio de feridas e, acompanhado dele, um cachorro. E nesse lugar, onde esse homem apareceu, eles tinham uma mata, era entre os canaviais, mas na época não era nem canaviais, era uma mata... E tinha uma pedra enorme, e dessa pedra (riso)... descia a água. Porque tinha a marca da sandália, do homem, do viajante, e tinha também as pegadas do cachorro. E eu cresci sempre ouvindo isso, sempre ouvindo isso, sempre ouvindo esse relato (Jussara Cordeiro).

Dessa forma, sua localização no tempo é muito difícil de precisar, devido a diversos fatos: por estar circunscrita aos relatos da oralidade dos seus participantes mais antigos; por ser uma celebração restrita a uma área de difícil acesso, sem registros escritos identificados; por ser uma festa de maior participação das camadas menos privilegiadas e com poucos recursos para perpetuá-la em suas lembranças através de registros fotográficos e/ou escritos midiáticos. Isso tem dificultado o levantamento das temporalidades da festa, quanto ao tempo de sua existência.

Assim sendo, foi “de boca em boca”, como afirmam alguns dos sujeitos da pesquisa, que se deu a divulgação sobre o começo do Milagre de São Roque, por meio do falatório do povo simples que ouvia de uma pessoa e outra sobre o tal do “milagre” – isso, em uma época sem grandes meios de comunicação, era suficiente para a crença se espalhar. Com o passar do tempo, a devoção, numa típica expressão da cultura popular de romarias, tornou-se uma grande Festa ao ar livre. A contemplação de uma natureza exuberante confirma, de forma contundente, a presença do sagrado e do profano na ocorrência da festividade.

Para maior veracidade da importância dessa tradição oral, registramos os depoimentos de outros sujeitos da pesquisa, validando a tradição “boca a boca” da Festa do Milagre, como na expressão dessa devota:

Através realmente de uma pessoa também, que vinha ao Milagre de São Roque, que conheceu o Milagre de São Roque, então eu fiquei ansiosa também pra... ir até o Milagre de São Roque. Quando eu cheguei lá que fiz a promessa, e eu vi a recompensa, aí eu fui agradecer a ele. Fiquei e me simpatizei com o lugar, achei o lugar muito especial, me simpatizei e fiquei indo. E só trouxe de lá maravilhas. Por isso que eu gostei. E faz parte também da minha religião, faz parte também do que eu faço. Por isso que eu me simpatizei com a festa de São Roque. (Leonice Porto).

Nesse sentido, além da questão religiosa que configura o sagrado, a Festa no Milagre de São Roque expõe também o lado divertido do misticismo festivo religioso brasileiro, com a presença de músicas, comidas, danças e tudo mais que se imagine e que se possa ter num dia considerado como todo especial, em que as pessoas se aproximam e festejam juntas, em famílias. Mesmo as pessoas vindas de vários outros lugares e sendo estranhas umas às outras, reúnem-se todas tendo em vista apenas agradecer, com uma grande festança, tudo aquilo que conseguiram durante o ano, especialmente os benefícios alcançados através do santo de sua grande devoção, o senhor São Roque.

A festa é caracterizada por vários momentos importantes, a começar pelo período de preparação para o evento, que acontece no primeiro final de semana do mês de agosto, e consiste na limpeza da área do milagre, com corte das folhagens excedentes, limpeza da capela e construção de pequenas barracas de palha, local de trabalho dos comerciantes que se dirigem à localidade. Toda essa manutenção é realizada pelos próprios moradores do distrito, além da preparação da festa, que consiste de pequenos “ensaios” preparatórios para a festividade, que ocorre nos finais de semana anteriores ao dia 16 de agosto.

Portanto, diante do exposto, podemos afirmar que a Festa no Milagre de São Roque constitui-se em um rico exemplo das festas populares e religiosas brasileiras em que fica evidente a presença de sincretismo, tradição, ancestralidade, saberes, fazeres, sentidos e representações da cultura popular do Brasil, o que a caracteriza enquanto espaço de práticas educativas e de Educação Popular, como discorreremos na sequência deste texto.

Análise sobre as relações entre as festas populares e a Educação Popular

Em cada região do Brasil, e também pelo mundo afora, as festas representam cultura e diversão. As festas populares, também conhecidas como manifestações da cultura popular, são baseadas em costumes e na tradição cultural de um povo. Elas são, portanto, a demonstração dos aspectos culturais e sociais de uma região e podem ser estudadas como objeto de conhecimento científico, por meio do sistema de comunicação das classes subalternas, como produção cultural privilegiada para a construção da identidade cultural de um determinado grupo.

Assim, tanto pela relevância dos atos sociais, culturais e educativos que se desenrolam no âmbito das festas, quanto pelo significado social que podem aportar para o fortalecimento da memória histórica e da resistência cultural das classes subalternas, as festas populares constituem-se como um acontecimento aglutinador da realidade das comunidades envolvidas e podem ser avaliadas no sentido de seu potencial como formadora de uma práxis pedagógica “da conscientização e da participação social, porque um dos elementos mais significativos no processo de realização da festa é a transformação do indivíduo comum em protagonista daquele evento” (FERREIRA, 2006, p. 112).

Com base nessa constatação, percebemos que as festas não são apenas uma reunião de pessoas que buscam diversão, mas também podem ser compreendidas como

manifestações sociais, em que novas formas de pensar e se portar são geradas, pois, nas festas, são liberadas formas de agir e de pensar o mundo que comumente não aparecem no cotidiano. Nesse sentido, o espaço da festa pode ser compreendido como território de liberdade, transgressão, resistência e também de transmissão de saberes e ideologias direcionadas à formação moral, ética e cidadã do povo.

Assim sendo, as festas populares, como parte da cultura popular, e por meio de suas expressões múltiplas, ricas e variadas, podem apontar possibilidades de integração de importantes espaços de circulação de diferentes saberes e fazeres fora do contexto escolar, em diálogo com os saberes já institucionalizados nos currículos oficiais. Dessa forma, a cultura festiva que se dá nos diversos espaços e tempos amplia histórias e favorece as interações referendadas nas escolas, através de festividades como festa junina, carnaval, micareta, quermesse, festa da primavera, entre outras que celebram histórias que precisam ser lembradas e retomam a identidade e memória de um lugar, de um povo e de uma sociedade.

Desse modo, a respeito das Festas Populares, além de seu caráter sagrado e profano, também passa a ser discutida sua dimensão pedagógica, pelo que podemos aprender com a ocorrência de uma festa, como, especificamente, os saberes e fazeres vivenciados pelas pessoas que dela participam ao longo das diferentes gerações e em diferentes localidades. Esse cenário de contatos entre distintas classes sociais promove a inter-relação entre adultos, jovens, velhos, crianças, homens e mulheres, e proporciona o compartilhamento, entre esses sujeitos, de códigos, regras, crenças, angústias, esperanças e fantasias, numa prática possível de interculturalidade no campo educacional.

É nesse sentido que justificamos nossa escolha ao relacionarmos as Festas Populares com a Educação Popular, por elas agregarem relações sociais, afetivas, culturais e simbólicas que ocorrem num determinado grupo. Buscamos vislumbrar valores como solidariedade, pluralidade e liberdade, que podem ser reafirmados e vivenciados nos processos de escolarização formal e informal.

Nessa perspectiva, é inegável que, mesmo que nas festas populares ocorram mudanças, transformações e resistências de modo bastante evidente – em alguns aspectos, perdendo certas características e ganhando outras feições, tanto interna quanto externamente, devido às características complexas e distintas de cada grupo social, essas

variáveis próprias das manifestações da Cultura Popular, como expressão de uma determinada comunidade, nos ensinam muito sobre o trabalho com valores, pois, como afirma Pessoa (2005), ao se referir às festas populares na dinâmica da cultura:

A festa popular é o grande e fecundo momento a nos ensinar que a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias (PESSOA, 2005, p. 39).

De tal modo, as festas tornam-se eventos de grande poder agregador e marcam as comunidades e seus praticantes, transformando-se em um elo identitário de pessoas e grupos, pois permitem criar culturas, símbolos e identidades, já que permitem a vivência de novos valores, novas formas de sociabilidade e novas relações com o mundo. São necessários esforços coletivos de preservação das festas, pois são espaços ao ar livre de Educação Popular.

Por essa perspectiva, a festa pode ser compreendida como prenúncio do novo, de outras possibilidades de relações entre as pessoas, ou seja, também pode ser percebida como uma forma de resistência. Nesse sentido, como nos aponta Ribeiro Junior (1982), a festa é caracterizada pelas dimensões lúdica e pedagógica. Há nesse evento tão simbólico uma pedagogia não formalizada, pela qual se transmite a cultura de um povo.

Em vista disso, Ribeiro Junior (1982) ainda nos alerta que a festa é uma forma de pedagogia social, pois se caracteriza como prática educativa que não se limita aos muros da escola, ocorre em todos os contextos e âmbitos da existência individual e social humana, de modo institucionalizado ou não, sob várias modalidades, podendo pôr à vista mundos novos, capazes de potencializar a resistência de um povo.

Conforme esse enfoque, a resistência vai se efetivando à medida que as pessoas aprendem a trabalhar nas brechas produzidas pelas contradições do próprio sistema capitalista em que vivemos. Assim, o autor comenta que “na festa, existe a ‘escola de resistência’ onde o símbolo é a lição, a solidariedade e o alargamento que são a disciplina; o ritual é o exercício prático e o currículo é constituído pelas lutas mais gerais pela libertação” (RIBEIRO JUNIOR, 1982, p. 44).

Nesse sentido, podemos afirmar que, no contexto das festas, ocorre o ensinar e o aprender constante, envolvendo tanto os participantes mais velhos quanto as crianças. De acordo com Ribeiro Junior (1982), a festa como ação pedagógica transforma-se numa escola aberta, cuja didática e metodologia se fundamentam no modo de viver do grupo.

Assim, a festa e essa escola não convencional têm relação direta com a comunidade, espaço em que assume sua função educadora.

Do mesmo modo, o autor também se refere à análise das potencialidades das Festas Populares que representam a Cultura Popular como sendo “experiências endógenas”, uma “lógica própria do mundo”, “sua simbologia”. São constatações com grande peso analítico, que “asseguram com muita convicção a condição de ensinante e aprendente da cultura popular” (PESSOA, 2013, p. 205).

Ao mesmo tempo, aprender e ensinar com as festas populares requer, antes de tudo, o reconhecimento de suas dimensões pedagógicas, e que busquemos o conhecimento de suas origens, tradições, contextualização histórico-social. Faz-se necessário compreender que as mudanças que ocorrem no interior das Festas Populares são também significativas, pois resultam do próprio contexto dinâmico da cultura que as produz, em acordo com o tempo e o espaço em que elas se manifestam.

No entanto existe um grande problema a ser superado sobre as festas populares, quanto a serem vistas como tendo pouco significado enquanto espaço educativo, pois muitos professores e gestores de escolas demonstram pouco ou nenhum interesse pelas manifestações da Cultura Popular de suas localidades como referências de memória, identidade cultural, bem como pelas possibilidades pedagógicas e situações de aprendizagens existentes nos espaços festivos.

Essa situação talvez ocorra pela falta de informações, estímulos e compreensão por parte de alguns profissionais da educação com relação à importância dessa temática, ainda pouco trabalhada nos espaços acadêmicos da área de educação. Esse é um dos grandes fatores que, por consequência, leva à pouca valorização da cultura popular brasileira no espaço escolar, enquanto um trabalho que pode promover reflexões em relação a questões como religiosidade e etnia, entre outros aspectos.

Apesar dessa constatação, observando os pressupostos citados anteriormente, podemos perceber a importância do trabalho com as festividades e a correlação do trabalho pedagógico com as Festas Populares e a Educação Popular, haja vista que a palavra “educação” é capaz de ser tão abrangente e multifacetada, mais até do que se possa conceber, não excluindo, no entanto, as diferenças e contradições entre educação formal, informal e entre os espaços em que elas se aplicam.

Levando em consideração esses aspectos e nos reportando a Brandão (1995), acreditamos, no entanto, que a educação acontece em qualquer lugar, não existindo apenas uma forma de educação escolarizada, mas várias educações, o que não desmerece o processo de aprendizagem. Ao contrário, isso o enriquece de tal maneira que estimula os educandos ao envolvimento total e pleno no processo da aprendizagem, visto que a escola não é o único espaço onde ele acontece, mas tem relação com o sentir, o viver, a prática, a experimentação e, principalmente, com o modo de vida. Essas relações são evidenciadas através das possibilidades transmitidas por sujeitos históricos em seu entorno social, portadores de uma herança cultural, e não apenas por professor/aluno, adulto/jovem em espaços formais.

Nesse sentido, como nos apresenta Albuquerque (2015), assim como uma planta pode ensinar e ser, inclusive, professora, as Festas Populares, a exemplo da Festa no Milagre de São Roque, em suas múltiplas dimensões, também podem educar através dos vários saberes e fazeres que perpassam o conjunto da realização das festas, principalmente as relacionadas a um caráter religioso. A partir de uma perspectiva de Educação Popular, a educação que se busca na festa pode ser entendida como essencialmente tendo a ver com a formação humana dos indivíduos.

Seguindo esses pressupostos, na contemporaneidade, ou, para alguns, na pós-modernidade, a educação tem sido mediada por outros meios e sujeitos, como o uso das tecnologias e de outras linguagens que perpassam a cidade e seu cotidiano, fazendo parte também do circuito de transmissão cultural. Constituem-se, assim, verdadeiras redes de educação, ação e reflexão, como postula Paulo Freire (1987).

Nessa perspectiva, podemos então pensar, em conformidade com as discussões empreendidas neste texto, que a educação, vista a partir dessa ótica, acontece em diversos espaços, como praças, ruas, casas, eventos, através das atividades desinteressadas, manifestações culturais, jogos em grupos, etc., nos quais são feitas trocas tão ricas da nossa cultura, a qual a cada dia vai sendo modificada, visto que são espaços de constantes aprendizados, que carregam os sentidos e significados para uma vida em comunidade.

Assim, como podemos perceber, a relação entre Festas Populares e Educação Popular é possível, sendo a referida educação vista a partir da sua característica principal, que é utilizar o saber da comunidade como matéria-prima para o ensino e aprendizagem, valorizando todos os sujeitos sociais nesse processo através das trocas de saberes. É uma

educação pautada no riso, na alegria, no desafio, na descoberta do não saber fazer, no querer apreender, no processo. Estes são os pressupostos da Educação Popular: ensinar brincando, através do movimento, percebendo que ela, ao se fazer, vai se fazendo, como tão bem cunhou Paulo Freire em seu fazer pedagógico:

Se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação. (FREIRE, 1987, p. 141).

Nesse sentido, podemos compreender que a Educação Popular é uma estratégia de construção da participação popular para o redirecionamento da vida social, pois a principal característica desse pressuposto teórico é utilizar o saber da comunidade como matéria-prima para o ensino, valorizando todos os sujeitos sociais nesse processo, e tornando esse espaço de educação um lugar de afetos, alegrias e amorosidades, como bem esclarece Freire (1987).

Portanto, a partir das análises empreendidas, podemos afirmar as possibilidades de estabelecermos relações entre as temáticas das Festas Populares e Educação Popular, devido à dimensão pedagógica que evidenciam, através da valorização da ancestralidade, da tradição oral e da memória. É um caminho a seguir na condução de um ensino-aprendizagem de qualidade, visto que trabalhar com o que faz sentido para o educando fomenta a construção de saberes e fazeres como ato de conhecimento, transformação social, além de certo cunho político.

Considerações Finais

As especificidades da Cultura Popular como possibilidades para práticas educativas foram a base das análises realizadas no corpo do presente texto. Nossas discussões centram-se sobre as relações entre as Festas Populares e a Educação Popular. Para realizarmos essa pretensão, evidenciamos também a intenção de trabalhar a ocorrência da Festa no Milagre de São Roque no Município de Amélia Rodrigues – Bahia, contribuindo, assim, para revelar importantes dimensões dos saberes e fazeres afroreligiosos brasileiros presentes nessa festividade.

Nessa sequência, ressaltamos que buscamos reunir argumentos teóricos, provenientes de diversas áreas científicas, como Sociologia, Antropologia, Educação, entre outras, para o fortalecimento epistemológico de um estudo em torno da dimensão

educativa da Cultura Popular, em razão de, na vida escolar, ainda persistir a negação dos saberes experienciais, devido à compartimentalização e disciplinarização do conhecimento, não levando em conta a interculturalidade. Negar a visão de mundo e os saberes experienciais de algumas parcelas significativas da sociedade implica a exclusão social e educacional, fortalecendo os mecanismos de controle hegemônico e subalternidade.

De acordo com essa dinâmica, noções como cultura, cultura popular, saberes, memória, identidade, cotidiano, experiência, resistência configuraram-se como fundamentais na caracterização e na prática da pedagogia contemporânea e foram nossas diretrizes enquanto categorias para pensarmos as análises empreendidas ao longo de todo esse trabalho. Nesse sentido, destacamos que os campos da educação e da cultura, para muitos teóricos atuais, têm sido estudados articuladamente, compreendendo-se a educação como prática social de formação humana e cultural de indivíduos, grupos sociais, e a cultura como complexo simbólico que nomeia, julga, orienta e educa os sujeitos face ao mundo em que vivem.

Diante do exposto, fica notório que essas reflexões contribuíram para a realização deste texto, ao nos possibilitar a compreensão das práticas educativas presentes no espaço das Festas Populares como uma das facetas da Cultura Popular. Essa perspectiva atribui centralidade aos significados produzidos e que estão ligados à valorização da vida, da religião e da realidade social.

Partindo desses pressupostos, construímos nossas referências de análise sobre as Festas Populares com base em conceitos, categorias e reflexões oriundas da possibilidade de estabelecermos relações com a Educação Popular. Afirmamos, portanto, que a proposição teórica supracitada converge, assim, para o alargamento da noção de educação, para o delineamento de uma epistemologia da educação em favor da valorização dos saberes do cotidiano, da experiência e sabedoria popular.

Nessa perspectiva, a opção pelo aporte na Educação Popular foi possível por compreendemos que estudos dessa natureza podem favorecer análises sobre as dimensões interculturais presentes no saber fazer pedagógico, e, com isso, o estudo da Cultura Popular, temática básica a esse movimento educacional, pode ser enriquecido com investigações sobre a circulação de saberes no cotidiano social, como no caso das manifestações culturais festivas, permitindo-nos compreender o hibridismo e a

interculturalidade que lhes são característicos. Esses conceitos deverão ser aprofundados a partir do desdobramento da investigação realizada.

Dessa maneira, consideramos que o estudo das Festas Populares e, mais especificamente, da cultura religiosa, como a que ocorre no Município de Amélia Rodrigues, intitulada de Festa no Milagre de São Roque, configura-se como um importante tema de trabalho pedagógico e investigativo em Educação Popular, pois evidencia memórias, significados sociais, saberes, narrativas, representações, imaginários, dentre outras temáticas de investigação. Isso nos permite empreender um olhar novo, dinâmico para a educação e a cultura popular e, como foi mencionado no presente texto, o tema ainda carece de uma quantidade maior de pesquisas.

Buscamos, no diálogo com a perspectiva da Educação Popular do pensamento freireano, o entendimento de educação como um processo de constituição humana histórico-cultural, de consciência ancestral, sendo, portanto, libertadora. Nesse ponto de vista, temos uma educação comprometida com a transformação radical da sociedade, pautada no processo de socialização das produções históricas e culturais da humanidade, dentro de um projeto de rompimento radical com as estruturas da sociedade capitalista, tendo em vista a completa emancipação humana.

Assim sendo, a Educação Popular contribui sobremaneira para superar a epistemologia clássica fundada na desqualificação do saber cultural, pois enxerga no saber popular mais que um puro reflexo da realidade, mas, sim, um complexo simbólico que permite aos grupos populares relacionar-se com a realidade e instituir sua prática cotidiana.

Nessa perspectiva, são inseridos os saberes dos mais velhos, pelas funções que desempenham como guardiões da memória coletiva e da religiosidade presentes na festa, e, assim sendo, eles são porta-vozes da ancestralidade mitológica, cabendo-lhes a tarefa de agentes educativos na tradução e socialização da cultura proveniente da tradição. Em vista disso, consideramos pertinente dimensionar a interculturalidade, por meio das trocas de saberes, como uma das bases da Cultura Popular e da Educação no espaço das Festas Populares.

Portanto, de acordo com os pressupostos explicitados, podemos pensar que os rituais e simbologias característicos da festa educam os indivíduos para a construção de uma atuação no mundo, permitindo-lhes internalizar saberes e fazeres. Nesse sentido,

esses aspectos aproximam-se cada vez mais da Educação Popular, pois proporcionam a autoafirmação identitária. Além de serem espaços de confraternização comemorativa e lúdica, elas são também espaços de educação política, social e econômica, com o aprender que se realiza por meio da cultura popular e religiosa afro-brasileira.

Referências

- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa a brasileira**: significados do festejar no país que “não é sério”. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- ALBUQUERQUE, M. B. B. (2015). Pode uma planta ensinar? Reflexões contra-epistemológicas. In **Anais** do 12º Congresso Nacional de Educação da PUCPR (p. 7042-7057). Curitiba, PR.
- BRANDÃO. Carlos R. **A educação como cultura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BRANDÃO. Carlos R. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- FERREIRA, Maria Nazareth. Comunicação, Resistência e Cidadania: As Festas Populares. **Comunicação e Informação**, V. 9, n. 1, p. 111-118, jan./jun. 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- PESSOA, Jadir de M. **Saberes em festa**: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Editora da UCG/Kelps, 2005.
- PESSOA, Jadir de M. Festa Popular e Educação Popular: Lugares em Movimento. In: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (Orgs.). **Educação Popular Lugar de Construção Social Coletiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 203-213.
- RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio N. **A festa do povo**: pedagogia de resistência. Petrópolis: Vozes, 1982.
- ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis**: O Sagrado e o Urbano. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

Sobre os autores

Reginalva dos Santos Bruno

Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Professora da Rede Estadual de Educação – Bahia. Integrante do grupo de pesquisa RIZOMA-UEFS. Email: reginalvabruno@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3749-2179>

Marco Antonio Leandro Barzano

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Titular do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação da UEFS e Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA-UEFS). Coordena o grupo de pesquisa RIZOMA-UEFS. Email: malbarzano@uefs.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3273-9216>

Recebido em: 11/05/2020

Aceito para publicação: 14/05/2020